



Em terras de nativos amazônicos, nem tudo que brilha é ouro: sedução (utopia) e manipulação (distopia)

Linda Maria de Jesus Bertolino^{1*} e Rogério da Silva Lima²

¹Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, *Campus* Bacabal, Av. João Alberto, s.n, 65700-000, Bacabal, Maranhão, Brasil.

²Departamento de Teoria Literária e Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: linda1.hot@hotmail.com

RESUMO. Apresentamos o universo ficcional do amapaense Fernando Canto, como forma de evidenciar e ampliar, em uma perspectiva cruzada (híbrida) concepções políticas entre utopia e distopia. Para isso, em uma concepção histórica, problematizamos no conto *O bálsamo* (1995) a representação do nativo e do colonizador, nas terras dos homens de um olho só, recepcionada como a floresta amazônica brasileira. Estabelecendo um parâmetro entre sedução, manipulação e resistência, divide-se o artigo em três momentos. No primeiro, pontua-se uma dialética entre pensamento utópico e distópico, para depois situá-lo dentro da ficção narrativa. No segundo, explora-se os elementos poéticos bálsamo e seda - acolhidos como dispositivos de sedução/manipulação, o que abre possibilidade para explorar as categorias poder, opressão e controle. No último momento, aproxima-se a categoria vida nua ao processo de involução dos nativos, e na sequência anuncia-se que, naquelas terras de nativos amazônicos, dizer não fez florescer uma resistência contra narrativa/antidemocrática dos estranhos vestidos de seda. O diálogo teórico se constitui, sobretudo, a partir do pensamento de Michel Foucault, Giorgio Agamben e Teixeira Coelho.

Palavras-chave: primitivo; estrangeiro; manipulação; resistência.

In lands of amazonian natives, not all that glitters is gold: seduction (utopia) and manipulation (dystopia)

ABSTRACT. We present the fictional universe of Fernando Canto, from Amapá, as a way of highlighting and expanding, in a crossed (hybrid) perspective, political conceptions between utopia and dystopia. For this, in a historical conception, we problematize in the short story *O bálsamo* (1995) the representation of the native and the colonizer, in the lands of the men with one eye; welcomed as the Brazilian Amazon rainforest. Establishing a parameter between seduction, manipulation and resistance, the article is divided into three moments. In the first one, a dialectic between utopian and dystopian thought is punctuated, and then placed within narrative fiction. In the second, the poetic elements of balm and silk are explored - embraced as devices of seduction/manipulation, which opens up the possibility of exploring the categories of power, oppression and control. At the last moment, the category of bare life is brought closer to the process of involution of the natives, and then it is announced that, in those lands of Amazonian natives, saying no brought about a resistance against the narrative/anti-democracy of the strange silk dresses. The theoretical dialogue is constituted, above all, from the thought of Michel Foucault, Giorgio Agamben and Teixeira Coelho.

Keywords: primitive; foreigner; manipulation; resistance.

Received on July 30, 2023.
Accepted on November 14, 2023.

Introdução

Criar uma narrativa é possibilitar histórias, de um tempo-espaço, na abertura da palavra. Palavra que, por vezes, abriga e legitima imagens, ainda que na ausência daquilo que ela representa no campo da ficção. Um campo que, a depender das representações, faz aflorar nas linhas do texto imagens de 'velhas' práticas coloniais. Nessa perspectiva, propomos analisar - no enredo do conto *O bálsamo* (Canto, 1995), do escritor amapaense Fernando Canto - reflexões sobre os termos utopias e distopias. Termos que articulamos na associação entre colonizador e primitivo, sedução e manipulação, razão e resistência; dispositivos poéticos apontados na relação entre os personagens tunicas de sedas (estrangeiros) e os homens de um olho só

(nativos) que vivem isolados em uma bela aldeia - recepcionada no texto como a floresta amazônica. O *bálsamo* (Canto, 1995) é um conto provocativo no qual pode ser explorada a hibridização entre utopia e distopia - pensadas a partir das categorias poder: opressão, manipulação e controle. Categorias que, na trama, concorrem para objetivar e tentar dominar o nativo, as especiarias e a terra. Usando de mecanismos de sedução, os seres vestidos de túnicas de sedas azuis turquesas chegam nas terras dos albinos, homens de um olho só na testa, e fazem morada naquela comunidade de indivíduos, já “[...] velhos e fadados ao desaparecimento e ao esquecimento” (Canto, 1995, p. 2).

Conscientes das limitações oculares dos albinos, as criaturas estrangeiras lhes oferecem projetos políticos de cura, vigor físico e rejuvenescimento; promessas advindas do bálsamo, um mecanismo potente de fantasia/sedução (utopia). Pois bem, os nativos, cientes da sua realidade limitativa, veem na essência uma possibilidade de dias melhores, assim, eles aceitam o bálsamo.

Não obstante, os efeitos do uso contínuo da aplicação da essência no corpo e, principalmente, ao redor dos olhos - como sugerem os estrangeiros, são tão eficazes que alteram os modos de vida dos nativos e, igualmente, os seus corpos. Diante disso, os estranhos passam, sem nenhuma interrupção, a explorar a terra e, depois, os nativos; evento que abre possibilidades para se articular concepções sobre a relação poder e manipulação (distopia).

Dado esse pensamento, no universo ficcional amazônico dos homens de um olho só na testa, ilusão e controle situam-se lado a lado, o que incita pensar, ainda que de forma sutil, nas categorias utopia e antiutopia, validadas no conto na perspectiva colonizador e colonizado. Isso posto, ao longo da proposta/análise, tanto o bálsamo (óleo) como o brilho das vestes de sedas são apontados como dispositivos, à vista que esse par captura e modela o corpo, a vida e a razão dos albinos.

Conforme Giorgio Agamben (2009, p. 40), o dispositivo é “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar ou assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. Sob esse pensamento, aproximado sedução (utopia) à opressão (distopia), ambos articulados na associação nativo/estrangeiro.

No conto, analisamos a vertente utopia como a ilusão dos nativos de poder vivenciar uma realidade desejável (rejuvenescimento). Já a vertente distopia é examinada na relação corpo/poder/manipulação/controle. Controle que, decerto, tem sua raiz fincada em velhas práticas coloniais e que, na trama, advém do governo dos túnicas de sedas. Seres que, no meio daquela floresta, passam a representar o imperativo da força absoluta dos “[...] estranhos vampiros que, num determinado anoitecer, sem que ninguém soubesse de onde vinham [...]” (Canto, 1995, p. 8), fazem morada naquela comunidade de albinos, já “[...] velhos e fadados ao desaparecimento e ao esquecimento” (Canto, 1995, p. 2).

Quanto à estrutura do texto proposto, essa será compreendida por cinco partes: apresentação do conto; pensamentos teóricos que definem as categorias utopia e distopia; explicação sobre como as duas categorias são recepcionadas no conto; a relação estabelecida entre o corpo nativo e os dispositivos (essência e seda); e, igualmente, o processo de involução (manipulação). Reservamos ainda algumas linhas para apontar a resistência dos nativos.

O Bálsamo

Ao caminhar nas páginas d’*O bálsamo* (Canto, 1995) descobre-se nelas uma narrativa poética que envolve ilusão, manipulação, controle, mas, também, razão e resistência; advinda do originário (albinos) contra a sedução do estrangeiro (túnicas de sedas). Sedução que, certamente, dialoga com longínquas práticas ocidentais - configuradas na troca de espelhos e demais bugigangas, por mão de obra nativa.

Em um contexto similar, n’*O bálsamo*, estrangeiros de peles “[...] tom ouro-arroxado, túnicas azuis-turquesa de seda pura, estatura três vezes maior que o mais alto habitante da vila [...]” (Canto, 1995, p. 1), aparências brilhantes, lustrosas e leves, chegam de forma amena às terras dos homens de um olho só e, dessa forma, assentam suas moradas, deitam suas raízes e deixam suas ramagens crescerem em terras primitivas, isto é, alheias.

Nesse seguimento, os dias passam e os sujeitos de vestes de sedas - com suas velhas práticas colonizadoras - acalentam os sonhos dos nativos dando a eles o bálsamo, um óleo sedutor que rejuvenesce o corpo e que devolve vigor físico e sexual. Um óleo sedativo que, segundo os estranhos, “[...] curariam nossas doenças e aliviariam nosso cansaço, principalmente, se aceitássemos a aplicação do bálsamo [...] ao redor dos olhos, pois sofríamos bastante com doenças oculares” (Canto, 1995, p. 2).

Mas, como em terras amazônicas ‘nem tudo que reluz é ouro’, depois de algum tempo nas terras dos homens de um olho só, os tunicas passam a observar os costumes, as plantas, a produção, o trabalho, as necessidades e a vida dos nativos. De posse desse saber, os estranhos passam a exercer poder e controle sobre os corpos e a produção econômica da vila. Nesse contexto, agora, os homens de vestimentas brilhantes “[...] passam o dia embrenhados na selva e passam a produzir produtos, com os regatões que, esporadicamente, apareciam no rio do nosso lugar” (Canto, 1995, p. 4).

Nisso, o tempo-calendário decorre e os nativos de um olho só na testa encontram-se, intensamente, seduzidos pelos efeitos manipuladores do lenitivo. E, é assim que as mulheres e os homens de um olho só, embora rejuvenescidos pelo uso contínuo do bálsamo, não sabem mais pescar. Agora, quando não estão em suas redes fornicando com suas parceiras, estão produzindo óleo de andiroba para os colonizadores.

Porém, como anuncia o aforismo, o ‘canto da sereia’ atua no corpo da ‘tripulação’ apenas enquanto ela não tapa os ouvidos. Logo, tapar os ouvidos - para não ser ludibriado pelo canto da sereia e/ou pelo efeito sedativo do bálsamo - é fazer resistência.

Isso posto, um certo dia, recusando a aplicação do bálsamo, os homens de um olho só acordam e se dão conta que o uso do óleo alterara seus corpos e, sobretudo, os modos de vida da comunidade. Dão conta ainda que a essência (bálsamo) é tão radical e, portanto, manipuladora, que alterara o vigor físico de seus corpos envelhecidos. Pois segundo o narrador-personagem:

De velhos que fomos agora estávamos em pleno vigor físico. A produção caía conforme rejuvenescíamos. Desaprendemos a pescar e a caçar. Cartela e eu não saíamos mais da rede fazendo amor mais de dez vezes por dia. Certo dia fui procurar o que comer e descobrir que a comunidade passava por privações [...] os outros foram ficando crianças e não davam mais conta do trabalho (Canto, 1995, p. 3).

Imersos e agora conscientes da trágica alteração que ocorre na comunidade, os habitantes naturais reagem ao processo de hibernação provocado pelo lenitivo. Desse modo, os homens de um olho só recusam “[...] pela primeira vez o bálsamo [...] Recusamos nas semanas seguintes e exigimos a devolução de nossas rugas” (Canto, 1995, p. 3).

Não mais inebriados pelo ópio do bálsamo, aquela comunidade de povos tradicionais que vive no seio da floresta, certamente a Amazônica, exige que os estrangeiros deixem suas terras. Entretanto, como diz o ditado: não se deixe seduzir por velhas práticas, pois ‘nem tudo que reluz é ouro’. Deveras por isso, depois de serem intimados a deixarem as terras dos nativos, os estranhos apresentam uma “[...] incessante mudança na pele, ‘isto é’, na perda da verve que tanto os encantara quando chegaram” (Canto, 1995, p. 4).

Nesse clarão de consciência (na recusa no bálsamo), os estrangeiros não personificam mais, como outrora, a aparência graciosa de pele “[...] ouro-arroxeadado [...] tunicas azuis turquesa de seda pura, e estatura três vezes maior [...]” (Canto, 1995, p. 1) que a dos sujeitos de um olho só. Nesse clima, desencantados com o governo manipulador dos estrangeiros, os homens de um olho só na testa resistem ao brilho da seda, à imponência da altura dos estranhos e, enfim, ao efeito encantador do bálsamo. Porém, como ‘nem tudo são flores’, opor resistência implica em expor o corpo ao Outro; o que não anula a luta.

Desse modo, mesmo vivendo uma realidade manca e sufocante, os albinos (conscientes dos efeitos sedativos do bálsamo) reagem ao poder distópico, isto é, opressor, alienador e controlador, exercido pela ideologia dominante dos tunicas de seda. Não obstante, toda resistência tem um preço. Portanto, para restabelecer a ordem social da vila, os albinos tiveram que pagar aos tunicas de seda 75% de produção de óleo de andiroba.

Entretanto, antes do acordo, os albinos articularam, sonharam, lutaram e resistiram. Pois, como disse Spinoza (2009), só se conquista liberdade e autoafirmação na dinâmica da potência: desejo, ação e resistência. Embutidos, então, pela potência do pensar e do agir a comunidade de um olho só subverte a exploração da ordem dominante dos estrangeiros, e efetua o acordo para que os ‘estranhos vampiros’ (Canto, 1995) deixem a floresta.

Como resposta, em uma bela noite, os estrangeiros “[...] subiram as escadas e um a um mergulhou no líquido oleoso [...]. E o perfume do bálsamo infestou a floresta por três dias e três noites” (Canto, 1995, p. 8).

Foi desse modo que nas terras dos homens de um olho só o governo dos tunicas de seda configurou-se por opressão e manipulação corporal e psicológica. Contudo, diante da resistência coletiva da comunidade, os estranhos entraram em um imenso caldeirão e, como fumaça, esvairam-se com suas fragrâncias viciáveis e, outrora, tão sedutoras ao povo daquela terra; possivelmente, a Amazônia.

Revisitando o termo utopia e distopia

A origem do termo utopia deve ser buscada na obra *Utopia* (1516), de Thomas More, uma narrativa ficcional que descreve uma sociedade ideal, localizada numa ilha chamada Utopia. No entanto, uma vez que não existe um mundo perfeito, o termo converge para um lugar fictício. Segundo Teixeira Coelho, em *O que é utopia?* (1981), o vocábulo utopia foi usado por Thomas More porque a Inglaterra de seu tempo era um lugar onde não “[...] apenas inexistia a liberdade de expressão como também a de pensamento – e as ideias e comentários de More eram tão ‘subversivos’ [...] que, para evitar maiores dissabores, ele acabou situando sua imaginação num lugar que não existia, no nada: em Utopia” (Coelho, 1981, p. 18).

Todavia, apesar de Thomas More ser apontado como pioneiro na articulação da palavra utopia, é consenso entre os teóricos que a expressão foi gestada na obra *A república* (367 a.C.), do filósofo grego Platão. Esse posicionamento sustenta-se na compreensão de que o filósofo propunha no enredo da obra um programa político utópico que aponta para uma sociedade impecável, cujo governo e cidade são perfeitos. Nesse sentido, estudiosos sublinham no livro *A república* um modelo aristocrático de poder que se centra nas mãos dos ‘melhores’, o que concorre para que sejam sugeridas críticas à engenharia social dessa narrativa, firmada em modelos não praticáveis politicamente.

Modelos que não reúnem condições objetivas político-econômicas para todo o povo. Esse pensamento concorre para que os estudiosos apontem em *A República*, retóricas que abrem possibilidades à contestação efetiva da ordem dominante, dentre elas:

A instituição familiar seria diluída de forma que a atenção das pessoas se voltasse para o social e os relacionamentos teriam base eugênica. Em segundo lugar, o estado ideal do filósofo grego exclui eleições livres para a escolha de seus dirigentes, ficando em seu lugar uma sofocracia regida por um grupo autoproclamado. Em terceiro, os poetas não teriam lugar na utopia de Platão, pois o artista, ao imitar aspectos do chamado mundo sensível, se coloca em uma posição duplamente distante em relação às Ideias, o mundo inteligível acessado apenas pela razão (Coelho, 1981, p. 45).

Esse viés racionalista, cultivado na filosofia platônica, tanto serve de parâmetro ao pensamento político histórico de todos os tempos, como, também, serve de orientação a críticas que germinam no terreno da ficção narrativa, principalmente, aquelas que revisitam o universo literário distópico. Universo este que foi explorado, sobretudo, no século XX em romances como: *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley; *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury; e *1984*, livro de George Orwell. Já no século XXI o universo literário antiutópico pode ser apontado em diversas obras como, por exemplo, *O conto da Aia*, de Margaret Atwood.

Contudo, o universo ficcional, acima listado, deve ser assimilado, apenas, para justificar a ascensão literária das distopias. A semântica do vocábulo deve ser buscada no Século das Luzes. É no seio da cultura iluminista que o filósofo e economista britânico John Stuart Mill, ao realizar um discurso parlamentar, em 12 de março de 1868, proferiu pela primeira vez o termo ‘distopia’, usado à época para denunciar a política de terras praticada pelos governantes irlandeses.

O vocábulo distopia insere-se no contexto discursivo como oposição à utopia, sendo que o primeiro associa-se à distorção (lugar anormal) e o segundo a lugar-nenhum. Em termos literários, segundo Baker (1990), dois fatores convergiram para a ascensão dessa oposição, ou seja, da travessia da utopia para antiutopia. O primeiro foi “[...] a posição de artistas e pensadores, de fins do século dezanove e primeiras décadas do século vinte, contra a hegemonia do discurso racionalista decorrente da Revolução Industrial” (Baker, 1990, p. 39).

O segundo fator refere-se à “[...] atmosfera de ceticismo e pessimismo que permeou o período do entre guerras (1918-1938) na Europa, levando à ascensão de regimes totalitários na Rússia, Itália e Alemanha” (Baker, 1990, p. 39). Isto posto, se a utopia idealiza um espaço-tempo perfeito, a distopia, ao contrário, apresenta um mundo ou uma sociedade de valores invertidos, cujas ideias amparam-se em dispositivos de opressão, autoritarismo, manipulação, controle, futuros distorcidos, alienação, isolamento do restante do mundo etc. Nessa perspectiva, na análise do conto, associa-se as categorias utópico e distópico (dispositivos de sedução/controlado) à categoria corpo.

Uma linha tênue entre utopia e distopia: dispositivos de sedução/manipulação

Conforme Giorgio Agamben (2009), dispositivo é tudo aquilo que dociliza e controla o sujeito. Pois bem, o bálsamo é usado para controlar o corpo e a mente dos albinos. Logo, ele equivale a um dispositivo de controle, alienação e opressão, cuja mecânica pode ser associada a velhas práticas coloniais. Práticas nas quais o colonizador encanta e, depois, controla o nativo e o seu ambiente natural.

Desse modo, enquanto sedativo, o bálsamo metaforiza um dispositivo de fantasia/sedução (utopia) e poder/manipulação (distopia). Nesse sentido, a narrativa poética d'O *bálsamo* (Canto, 1995) pode ser articulada sob duas vertentes: a primeira por encantamento e a segunda por controle/opressão. Logo, esse universo amazônico ficcional é constituído por ilusão e controle, o que permite situá-lo, ainda que em uma linha tênue, entre utopia e antiutopia.

No primeiro momento da narrativa, a categoria utópica pode ser, assim, assimilada; os estrangeiros com suas imagens plácidas, roupas de sedas e estaturas invejáveis, encantam os nativos com promessas de cura e rejuvenescimento (advindos do uso contínuo do bálsamo). Por ser uma comunidade de pessoas anciãs, os albinos ficam encantados com as promessas de rejuvenescimento e, desse modo, acolhem os discursos e as 'verdades' dos estrangeiros (uma fantasia quase perfeita).

Dada essa conjectura, o bálsamo institui-se como um mecanismo utópico de sedução. Mecanismo que converge para que os nativos possam visualizar a realidade – imediata – que vivenciam (doentes, velhos e quase cegos), e, assim, vislumbrem outra realidade desejável e/ou quase perfeita para a coletividade. Pois, segundo os estrangeiros, o uso contínuo do lenitivo tanto os rejuvenesceria como, também, curaria suas dores. Logo, a droga é acolhida na comunidade dos homens de um olho só como esperança e possibilidade de (re)conquistar a saúde e a juventude.

Todavia, não somente a essência/bálsamo pode ser apontada como exemplo de fantasia e manipulação, mas, igualmente, as vestes de seda azuis-turquesas. Ora, por ser um tecido brilhoso, as roupas dos estrangeiros ajudam a criar uma harmonia ilusionista, sobretudo se considerar as suas estaturas elevadas. Dada essa compreensão, os elementos poéticos seda e bálsamo tanto ajudam a recepcionar um pensamento utópico (fantasia), como, também, abrem perspectivas para articular a noção de dispositivo, uma vez que a dupla alicia e dociliza, logo, ela manipula corpos.

Sedados pelos dispositivos bálsamo e brilho da seda, os albinos não se dão conta da manipulação sutil que os envolvem. Diante disso, ludibriados pelos efeitos sedativos dos dois mecanismos, sem nenhuma interrupção, os estranhos passam a explorar o ambiente natural dos nativos e a conhecer as especiarias da terra.

De posse desse conhecimento, os túnicas de sedas não fazem mais questão de agradar a comunidade, ao contrário, eles se recusam a deixar a floresta; certamente porque são conscientes da potência político-econômica do ambiente. E, caso o façam, os homens de um olho só terão que pagar, anualmente, aos estrangeiros uma quantia significativa da produção de andiroba; acordo concretizado.

Portanto, é sob essa perspectiva que a poética do amapaense Fernando Canto estabelece uma relação entre poder, ilusão e controle, o que abre condições para associar rejuvenescimento/utopia à manipulação/distopia. Se no primeiro momento o lenitivo concorre para despertar, ainda que fugazmente, um vigor físico e sexual nos corpos da comunidade, no segundo momento ele controla os modos de vida, uma vez que a população de albinos não sabe mais pescar, não se reúne mais para conversar e vive, praticamente, o dia inteiro fornicando.

Assim, se no primeiro momento o enredo agrega uma utopia (sonho de rejuvenescer), no segundo momento ele concorre para uma distopia. Vejamos: os dias passam e o controle sobre as mentes e os corpos da comunidade de um olho só vai aumentando. Agora, os estranhos exercem um poder soberano e, portanto, controlador sobre a produção de especiarias, sobre os costumes da comunidade (pescar, dialogar, trabalhar, etc.) e, sobretudo, sobre o biológico de alguns nativos. Pois, segundo o narrador-personagem, a continuidade da aplicação do bálsamo no corpo do nativo Beneli causa-lhe uma regressão; de adulto ele regride a feto e, na sequência, vem a óbito. Enquanto isso, outros personagens de velhos voltam a ser novos. Dada essa manipulação biológica (radical) – que se abate sobre as mulheres e os homens da comunidade – os albinos exigem seus corpos e seus costumes de volta; reação que conflui para fazer florescer uma resistência.

Conforme Baker (1990), a reação das massas populares não constitui um evento comum nos enredos das distopias. Todavia, essas ações (resistência) vêm ganhado forças nas 'distopias modernas'. Assumindo essa característica, naquelas terras 'amazônicas', o presente passou a ser representado por uma visão de opressão e alienação sobre o futuro. Assim, cientes do presente de sujeição e com receio do futuro que usurpa a razão, os albinos se organizam e fazem resistência às 'velhas práticas colonizadoras' e, portanto, ao dispositivo químico/bálsamo.

Sendo um elemento químico, o bálsamo é um mecanismo científico. Consequentemente, ele concentra em si um 'conhecimento' pautado no rigor e na objetividade. Segundo Michel Foucault (2013), é no seio do processo de objetivação que o sujeito se torna objeto do conhecimento. Isso posto, a substância química/bálsamo é executada para fins de domínio, isto é, para praticar violências de saber (conhecimento) e

poder (governo) contra o povo originário daquela floresta. Ademais, a função da aparência plácida, logo utópica, da seda e do bálsamo é docilizar e, por conseguinte, disciplinar corpos e mentes.

Ainda compartilhando das ideias de Foucault, compreende-se por disciplina um conjunto de “[...] métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (Foucault, 2013, p. 133). Assim, com a manipulação os estrangeiros têm o controle do ambiente natural, dos corpos e da razão dos habitantes daquelas terras. Com isso, eles instauram na comunidade um governo soberano e autoritário, revisitando, pois, a noção de distopia.

Assumindo o que diz Baker (1990), é comum serem inseridas nas distopias reflexões sobre como governos autoritários lançam mão de substâncias químicas para exercitarem sobre o político-social um controle opressivo. Articulando, então, essa ideia à narrativa, a ciência contida no bálsamo assume fins de sedução e opressão sobre o Outro, daí ser ela apresentada como um produto milagroso, isto é, utópico (fantasioso).

Contudo, é bom que lembremos, a prática do milagre sustenta-se em um saber, pois saber é poder. Acolhendo o que tece Foucault sobre a relação entre poder e saber, direi que no conto a verdade que organiza a sedução equivale a um saber cuja “[...] prática discursiva [...] encontra-se assim especificada: o domínio” (Foucault, 2009, p. 204). Desse modo, a essência e o brilho da seda constituem-se como um objeto/dispositivo que assume um *status* científico, à vista que o par é inserido na comunidade a partir de estratégias discursivas sobre ‘verdades’. Portanto, é a partir da produção de ‘verdades’ que os estrangeiros convencem e, posteriormente, alteram os corpos dos albinos.

Se a aplicação atendeu à realidade imediata dos nativos – que de velhos e, praticamente, cegos, rejuvenescem –, os elementos curativos são recebidos como verdade. Verdade que, para Foucault, habita num ‘já-aí’. Isto é, na singularidade do acontecimento e na necessidade do outro. Ademais, cada comunidade, enquanto “[...] sociedade, tem um regime de verdade nas quais as técnicas [...]” (Foucault, 1979, p. 12) de sedução, ou seja, a cura e o rejuvenescimento são valorizados na aquisição e na produção daquilo que se quer oferecer e/ou acreditar como sendo verdadeiro.

Portanto, conseqüentemente, é crendo nos sonhos de cura que os nativos aceitam o bálsamo como verdade. Por outro lado, foi arquitetando técnicas de sedução/controlado que os estrangeiros, conscientes da necessidade de saúde da comunidade, usam de *status* de poder e saber para controlar o habitante e o seu ambiente natural. Sendo, pois, esse evento que permite estabelecer um parâmetro sutil entre utopia e distopia, no qual o corpo é cooptado por mecanismos sedativos.

Corpo, vestes de seda e óleo

A narrativa é uma linguagem que acusa, interpela e/ou que depõe sobre a exterioridade do tempo, dos lugares e dos sujeitos. E, ainda que os elementos narrativos que estruturam seu enredo não assumam um valor de verdade, eles podem conservar em si reminiscências de relações de poder. Talvez por isso os elementos poéticos d’*O bálsamo* (Canto, 1995) assimilam uma carga semântica que possibilita problematizar questões teóricas que viabilizam aproximar corpo/sedução/poder.

De acordo Foucault (2013), no centro da analítica do poder está o corpo. Pois, em “[...] qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (Foucault, 2013, p. 126). Sob esse pensamento, o corpo está sempre a serviço de uma governabilidade, seja ela micro ou macro. Ainda em conformidade com o pensamento foucaultiano, tudo que permite o “[...] controle minucioso das operações do corpo, e que realizam a sujeição constante de suas forças [...]” (Foucault, 2013, p. 126), tanto dociliza como normatiza o sujeito. Logo, equivale a um dispositivo disciplinar de positividade.

Assimilo que o ato ou o efeito de positivar converge para domesticar. Pois, como citou Foucault (2013), a positividade é o império da coerção. Logo, a coerção silencia a razão. Nessa compreensão, problematizo os elementos narrativos – ‘vestes de seda e bálsamo’ – como estratégias de coerção e poder; ainda que seja um poder ao modo daqueles em que os sujeitos se deparam no dia a dia: ‘sorria você está sendo vigiado’!

Se o óleo e as vestes de seda são usados como sedativos, essa dupla equivale a um sistema de vigilância sobre a comunidade, ou seja, a uma disciplina. Como disciplina, ambos os sedativos controlam o corpo, o tempo, o trabalho e a mente. Isso posto, a disciplina advinda da seda e da essência não somente desarticula resistências, mas também, reduz a capacidade de pensar, de mobilizar e de questionar dos nativos. Dada essa compreensão, o governo dos homens de seda é manipulador e, portanto, coercitivo, considerando que os dois lenitivos convergem para capturar e controlar. Mas, de que forma?

O brilho que resplandece das vestes de seda certamente provoca um excesso de luz que dessincroniza a visão dos albinos. Quanto ao bálsamo, a efluência que emana do óleo assume uma função de alívio, ou seja, de calmante. Isso posto, os dois elementos narrativos representam um vetor de captação sedativa cujo fim é efetivar a governabilidade opressiva dos estranhos vestidos de seda. Assim, em terras de nativos ‘nem tudo que brilha é ouro’, haja vista que a imagem que encanta é a mesma que mata. Logo, o encanto (sonhos) que advém dos dois elementos poéticos representa um mecanismo narcótico que intercepta o pensar e o agir, isto é, que impõe normas.

Para Foucault (2009) aquilo que impõe normas encontra-se a serviço de uma governabilidade. Nessa compreensão, o governo dos tunicas de sedas configura-se por uma governabilidade distópica que agrega estratégias de manipulação e de opressão, tanto no corpo individual como também no corpo coletivo da comunidade dos homens de um olho só. Assim sendo, enquanto estratégias de domínio, os dispositivos seda e bálsamo confluem ainda para uma desorientação social, fragmentação e rendição moral dos moradores daquela floresta.

Ora, o aspecto de rendição é típico de projetos hegemônicos políticos ditatoriais que usam de estratégias de opressão para desarticular a resistência do povo. Igualmente, pode ser pensado o governo dos estranhos vestidos de sedas. Seres que esquematizam, nas terras dos albinos, mecanismos de opressão cuja finalidade é não somente controlar o corpo nativo e o ambiente natural, mas, sobretudo, desmobilizar o individual e o coletivo.

Dessa forma, é assim que, em um tempo não muito distante, os acontecimentos narrados pelos homens de um olho só denunciam uma distorção da realidade, ou seja, uma distopia advinda do controle, da disciplina, da coerção e da manipulação; praticada pelo desgoverno dos homens de seda. Homens que lançam mão de efeitos imperativos de força absoluta que têm “[...] a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e/ou assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (Agamben, 2009, p. 40, grifo nosso – e/); de forma a provocar no corpo uma involução.

A involução

Pensamentos políticos utópicos radicais resultam de regimes hostis. Regimes que sufocam liberdades individuais e coletivas, considerando que eles se equalizam de contextos políticos ordenados e controlados, nos quais a liberdade é afetada. Daí dizer Coelho que o objetivo final dos regimes totalitários “[...] é habituar o espírito a nunca agir independentemente [...], e eliminar a vontade de ação autônoma” (Coelho, 1981, p. 38). Visualizando, pois, essa ideia de tentativa de eliminação de ação e, sobretudo, de manipulação, nessa parte do texto a chave de análise é refletir, a partir do personagem Beneli, sobre o processo de involução, assimilada como uma manipulação biológica agressiva e, portanto, típica de sistemas políticos autoritários.

Depois do uso constante do óleo, Beneli regride à criança, depois a feto e, na sequência, vem a óbito. Desse modo, o bálsamo causa-lhe uma involução que interrompe o ciclo natural da vida, em vista que ele “[...] morreu feto, cabeçudo e transparente [...]” (Canto, 1995, p. 4), ou seja, o personagem é submetido a uma regressão.

O indivíduo que volta a um estado anterior sofre uma degeneração, uma entropia biológica. Logo, conseqüentemente, ele foi manejado e controlado. Historicamente, eventos dessa natureza podem ser apontados em projetos utópicos de orientação totalitarista, como, por exemplo, o sistema nazista de Hitler. Sistema político opressor em que o indivíduo era reduzido à categoria de não humano. Associamos, então, a categoria de não humano à noção de degeneração/involução e, na sequência, invocamos o pensamento político contemporâneo de Agamben (2010) sobre o conceito de vida nua (*nuta vida*).

Segundo Agamben (2010), o cidadão encontra-se exposto a uma vida nua. Mas, o que o teórico assimila como vida nua? Vida nua equivale a uma existência desvalida de direitos à moradia, à educação, à segurança e, sobretudo, o direito à vida. Contudo, onde são fundamentados esses direitos? No centro da governabilidade política. Desse modo, é no seio político que é produzida a vida nua, uma vez que é dele que advém as normas. Certamente por isso, Agamben (2004) alega que a política ao legislar sobre a vida e a morte do sujeito cria formas de vida, isto é, subvidas.

Acolhendo esse entendimento é possível dizer que o governo manipulador e, portanto, opressor dos tunicas de sedas executa no vilarejo da floresta a “[...] produção de uma sobrevivida modulável e virtualmente infinita” (Agamben, 2004, p. 205). Pois, o bálsamo é articulado pelos estranhos como um projeto político de domínio cujo fim é a inoperância da vida dos nativos, em que seus corpos e seus costumes são politizados. Disso, portanto, resulta o narrador mencionar que o bálsamo, isto é,

A droga que nos punha ao deitarmos para dormir lenifica o corpo e a alma. Na realidade era um óleo tão suave e perfumado que nossos sonhos desconexos passaram a ser coloridos. Acordávamos sempre dispostos ao trabalho. Percorriamos léguas dentro da floresta para coletar castanhas e extrair azeite de andiroba. O perigo rodante não nos intimidava mais. Ficamos destemidos (Canto, 1995, p. 1).

Diante dessas alterações físicas e, principalmente, diante da involução de Beneli, configura-se a articulação de uma necropolítica, na qual a vida encontra-se afetada por um estágio de degradação. Nesses termos, no conto, o direito individual e, também, o coletivo são banalizados. Assim, o que deveria ser a regra – a preservação da vida e da alteridade – torna-se a exceção. Exceção que realiza “[...] no corpo humano a separação absoluta do vivente e do falante, do ‘zoè’ e do ‘biós’, do não-homem e do homem: a sobrevida. (Agamben, 2010, p. 205, grifo do autor).

Ao ser reduzido de velho para feto, o corpo de Beneli assume outra forma de vida; uma sobrevida que configura o paradigma da vida nua. Neste caso, temos um exemplo de arbitrariedade, acolhendo que: ao manipular o aspecto cultural e biológico, o governo violento dos estranhos cria condições internas (*modus operandi*) que concorrem para estágios de involução.

Primeiro, eles rejuvenescem o corpo, modificam costumes, estimulam o desejo sexual, regridem a feto e, depois, provocam óbitos na comunidade. Esse sistema de controle, isto é, *modus operandi*, termina por criar ‘formas-de-vidas’, ou seja, “[...] uma vida [...] separada de sua forma natural, uma vida ‘isolada’ [...], algo como uma vida nua” (Agamben, 2017, p. 233 grifo nosso). Logo, o governo dos estranhos de sedas tem o poder de vida, mas, pontualmente, o de morte.

Portanto, foi assim que o governo autoritário dos tunicas de sedas articulou a involução e a morte do personagem Beneli, e, igualmente, manipulou (através de dispositivos de sedução) os modos de vida dos nativos. Conquanto, como diz o velho ditado: “Em terra de sapo, de cócoras com ele”.¹ Pois bem, um certo dia os primitivos acordam, se organizam e formam uma frente de resistência.

Foi desse modo que eles recusaram “[...] pela primeira vez o bálsamo” (Canto, 1995, p. 3). Também foi desse modo que eles não se deixaram mais seduzir pelo brilho incandescente das vestes de seda do povo estrangeiro. Agora, os homens de um olho só na testa compreendem que nem tudo que reluz, em terras de primitivos, é ouro.

O florescer da resistência

N’O *bálsamo* (Canto, 1995), a consciência de viver uma política distópica aponta para um lugar melhor; a resistência dos albinos. Resistência que é representada como um lugar de passagem e, também, de separação. Afinal, a recusa aos dispositivos (seda e bálsamo) resulta em uma ação de retomada de unidade de forças, o que equivale à restauração de perspectivas, à quebra de contrato e ao não domínio.

Essa restauração pode ser metaforizada, em termos históricos, como ‘independência’. Um grito de independência que se assemelha às lutas políticas minoritárias. Pois, quer seja n’O *bálsamo* (Canto, 1995), quer seja no passado ou no presente, o corpo negro, homossexual, feminino e indígena encontra-se exposto ao extermínio. Logo, seja no campo da ficção e/ou das lutas sociais, a ideia de restauração associa-se à independência, isto é, à liberdade.

Quando os albinos ecoam um ‘não’ à distopia dos estrangeiros, eles promovem uma abertura de pensamento, isto é, uma travessia. Travessia que se efetiva no campo individual e, também, no coletivo, e que suscita uma resistência que contagia e antecipa a liberdade dos nativos. Isso porque, a ação de atravessar sugere uma passagem para um estágio diferente – um novo lugar. Desse modo, ao recusar os dispositivos, os primitivos contestam a ordem opressora dos tunicas de sedas.

Ademais, a recusa ao elixir propõe uma contra narrativa à visão idílica ocidental que ‘em terras tropicais tudo é permitido’. Este pensamento idílico, decerto, concorreu para atrair a execução do projeto político dos estranhos. Projeto esse que pode ser associado a ‘velhas’ práticas de exploração e de catequização, acolhendo-se a ideia que o bálsamo doutrina corpos e mentes, logo, ele catequiza e disciplina.

Isso posto, dizer ‘não’ constitui-se em uma alternativa de recusa à ordem distópica vigente dos homens de aparência ‘reluzente’ que, quando não cega, faz hibernar. Assim, em terras de primitivos amazônicos, dizer não é invocar a razão para contestar. Pois, conseqüentemente, o não termina por imprimir a possibilidade de

¹ Expressão do Português de Portugal que expressa que sempre se deve estar em pé de igualdade com aquilo que é perigoso para aprender o truque destes e por fim tentar não usar as más ações nem para nossa defesa nem para a defesa de terceiros (Em terra ..., 2014).

uma nova realidade política. Nessa vertente, a recusa ao bálsamo equivale ao florescer da resistência.

Ao efetuarem um diálogo propositivo de luta e resistência, os nativos instauram não somente a posse de suas terras, mas o 'governo de si'. Sob essa lógica, os albinos desconstroem narrativas – comuns - que afirmam que homens de um olho só são em si 'selvagens' e, portanto, não sabem articular resistência. Nesse seguimento, a resistência dos albinos pode ser ainda assimilada como um gesto de profanação. Pois quem profana quebra rituais e realiza uma restituição que implica na “[...] superação ou desarticulação dos dispositivos [...] que foi capturado pelas estratégias políticas” (Agamben, 2009, p. 44).

Noutros termos, ao dizer não ao elixir, os homens de um olho só restituem o governo da comunidade. Portanto, foi desse modo que no meio da floresta amazônica floresceu a resistência de povos originários. E, ainda que a comunidade de um olho só na testa tenha doado, por tempo determinado, 75% de suas produções aos seres estranhos, o acordo executado pelos albinos representa uma estratégia política, posto que - ao lançarem mão da abordagem propositiva - eles negociam e expulsam os tunicas de seda de suas terras.

Portanto, foram esses os passos que os nativos de um olho na testa projetaram para libertar-se dos homens de tunicas de sedas azuis-turquesa. Passos que convergem para um presente real de rupturas antidemocráticas.

Considerações finais

Mediante as imagens que os indivíduos guardam de governos ditatoriais, que se ergueram na história, perdeu-se, de certa forma, a capacidade de sonhar. Principalmente porque, como o conto, muitas verdades sutis são usadas em projetos políticos utópicos, desencadeando, depois, coerção e domínio, de forma a fazer com que as individualidades sejam inibidas. Contudo, ao lado desses projetos tortos - que sonham que existe um paraíso a alcançar, a dominar e a explorar - floresce a esperança, a luta e a resistência coletiva. Talvez, por isso, ainda que a literatura não tenha um valor de verdade, a narrativa *O bálsamo* (Canto, 1995) permite refletir sobre a hibridização entre o caráter utópico e o distópico que se desenham no centro das vertentes políticas.

Referências

- Agamben, G. (2004). *Estado de Exceção*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos.
- Agamben, G. (2010). *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte, MG: UFMG.
- Agamben, G. (2017). *O uso dos corpos: homo sacer, IV*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Atwood, M. (2017). *O conto da Aia*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Baker, R. S. (1990). *Brave new world: history, science and dystopia*. Boston, MA: Twayne Publishers.
- Bradbury, R. (2012). *Fahrenheit 451*. São Paulo, SP: Globo.
- Canto, F. (1995). *O bálsamo e outros contos insanos*. Belém, PA: Editora UFPA.
- Coelho, T. (1981). *O que é utopia?* São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Em terra de sapo de cócoras para ele. (2014). *Dicionário Informal*. Recuperado de <https://www.dicionarioinformal.com.br/em%20terra%20de%20sapo%20de%20c%C3%B3coras%20com%20ele/>
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Foucault, M. (2009). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Huxley, A. (2009). *Admirável mundo novo*. Porto Alegre, RS: Globo.
- More. T. (2006). *Utopia*. São Paulo, SP: Escala Educacional.
- Orwell. G. (2009). *1984*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Platão. (2001). *A república*. Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Spinoza. B. (2009). *Ética*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.